

Apresentação da exposição individual Pinturas e Objetos Galeria Saramenha, Rio de Janeiro, 1984

Marcus de Lontra Costa

Passando, presente, futuro, três atos num só: Bulcão

Não se trata de defender uma exposição, muito menos justificar uma carreira profissional. A obra de Athos Bulcão está inserida na história do projeto moderno no Brasil. Aqui, o arrojo da técnica construtiva provocou o resgate da imagem barroca. Essa capacidade de unir duas coisas aparentemente tão distintas encontrou na arquitetura o campo preciso para se fazer presente. É certo que essa nossa “aberração” formal introduziu uma questão nova na vida da arte deste século. Tradição e ruptura, geometria sensível, eis a história de um povo sem história, mergulhado na tradição e “condenado ao moderno”. Nessa trajetória singular, na qual a elite artística reintroduz a consciência formal popular, os artistas, entre a realidade e a utopia modernista, retratam proximidades e distanciamentos. Não importa, ainda hoje, defender ou acusar, a questão é outra e está inserida na história da luta de identificação da vida do homem brasileiro, estranha figura mestiça, distante dos centros do poder. Bulcão sacode-se no meio dessa turbulência: o realismo social, a nascente abstração, as estátuas abarrocadas, os delírios formalistas. Importa ser do Brasil e ser do mundo, e o artista conduz seu barco consciente de que as ondas que estouram em nossas costas tropicais refletem em suas cristas as vozes da matriz europeia. O mar, enfim, é o mesmo, estamos todos na mesma viagem, o rio da “minha aldeia é maior que o Tejo”, maior que o Solimões, igual à minha circunstância.

O artista enfrenta e aceita o pânico. Painéis, azulejos, murais, vidro, cerâmica, madeira, fotomontagens, gravuras, o desprezo a qualquer tipo de mitificação da obra de arte, que se insere, aqui, como elemento de indagação da ordem, qualquer ordem, nas diversas supraestruturas em que se encontram envolvidas, da social à arquitetônica. Se, na catedral de Brasília, a arquitetura é estrutura, no teatro da mesma cidade a parede externa, composta por elementos em alto relevo, interfere no campo das descobertas e indagações da arquitetura. Parece pouco? Só que não é, principalmente num país como o Brasil, cuja “tradição muralista” mais se assemelha a pinturinhas vistas por um projetor ampliado. Bulcão sabe das coisas.

É muito difícil falar sobre alguém que me ensinou a ver. Brasília, Paris, Argélia, por esses caminhos o adolescente descobre a seriedade e doçura que o homem da arte traz dentro dele, dentro do seu fazer. Quando Victor convidou-me a apresentar os mais recentes trabalhos de Bulcão, embolou tudo: prazer, ansiedade, cagaço e o velho pânico da incapacidade, velho fantasma a perturbar quem se propõe a pôr em palavras o que se pensa, o que se sente, o que se vê.

Conosco de volta, sempre presente, Bulcão pintor. Para quem vive, como eu, na certeza de que temos entre nós um momento especialmente importante da arte brasileira, é compensador o contato com essas máscaras e telas. Muito além de modismos, expectativas, fracassos ou sucessos, o que se quer, hoje, é reafirmar a arte como local preciso e único de indagação e liberdade. Não existem mais projetos, é verdade, existem somente alguns planos, simples e precisos, diante de um mundo à beira da catástrofe nuclear e enterrado até a medula na miséria e na neurose. Não há nada mais em que confiar, os extremos se chocam e se igualam. Tudo o que existe por aí levou a muito e, de repente, não levou a nada.

Pera, uva, maçã ou salada mista? Na brincadeira infantil, na brincadeira da gente, Bulcão joga pimenta nessa gororoba. Ele nos ensina que pintar exige muito interesse e dedicação, que o prazer também deve ser perseguido após o orgasmo apressado. Há de se ter por base o requinte da técnica, o cuidado do artesão, a solitária pesquisa intelectual; há de se deixar as janelas abertas ao sol, ao vento e à chuva. Bulcão, hoje, é tudo isso, um sorriso malandro a escapar pelos cantos da boca da plácida figura do “monsieur”. Ele ensina e aprende. E apreende. Respira o ar desse novo caminho que a arte se propõe a seguir, brinca com a história da arte, com a sua própria história, se faz, se desfaz, se refaz, pinta azulejos e não pinta azulejos, pinta coisas. Introduce no espaço da tela cores e temas, se solta e descobre, de vez, que arte é uma coisa muito gostosa, assim como um milk-shake de frutas mal batido no qual cada ingrediente mantém o seu sabor específico e todos juntos criam um novo paladar. Para curar ressaca, leite ainda é o melhor remédio.

O sorvete é atraente pela cor. O quadro de Bulcão é um sorvete. Colorido, quente e gelado, as cores se acomodam sem problemas, e o que aparentemente conflita, na verdade, une. Essa capacidade de interação entre o que foi e o que é elimina de vez supostas barreiras propagandísticas que visam a dividir burocraticamente a arte em décadas. Diante da produção recente de Athos Bulcão, eu tenho a nítida sensação de que ele é um doce professor enlouquecido, alguém que, de tanto ensinar, dispensou a cátedra e veio trabalhar conosco. Muito mais, portanto, que a exposição de um maestro, essa é a festa de um companheiro, cúmplice e fraterno, disposto a participar com a sua turma de um acontecimento feliz.